This is a open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution Licence

ARTIGO
DOI: 10.5216/rppoi.v21.74610
EDUCAÇÃO

COM QUANTAS PESSOAS SE FORMA UM PENSAMENTO CRIATIVO? PANDEMIA, AULAS REMOTAS E UM E-BOOK

HOW MANY PEOPLE FORM A CREATIVE MINDSET? PANDEMIC, REMOTE CLASSES AND AN E-BOOK

¿CUÁNTAS PERSONAS FORMAN UNA MENTALIDAD CREATIVA? PANDEMIA, CLASES A DISTANCIA Y UN LIBRO ELECTRÓNICO

Julia Pereira Motta[1] - https://orcid.org/0000-0001-5561-0533
Maria Vitória Campos Mamede Maia[2]- https://orcid.org/0000-0002-9697-8243
Edson Seiti Miyata[3] - https://orcid.org/0000-0001-8552-1048

Resumo
Este artigo parte de uma pergunta gestada no grupo de pesquisa LUPEA, no PPGE-UFRJ. O campo foi a disciplina "Criatividade e Educação" que saiu do presencial e teve seus estudos transferidos para o ensino remoto em 2020. O objeto de pesquisa foi o e-book final que adveio do trabalho de conclusão e metodologicamente o trabalho é qualitativo, com análise realizada conforme a técnica da psicodinâmica das cores e análise de conteúdo. Por fim, a pluralidade da criatividade dos alunos foi visível nas imagens-texto construídas. A criatividade ampliou os horizontes e trouxe possibilidades outras de lidar com o processo de aprendizagem.
Palavras-chave: Criatividade. Ensino remoto. Pós-graduação stricto sensu. Psicodinâmica das cores.

Abstract

[1]Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Criar e Brincar: o lúdico no processo de ensino-aprendizagem (LUPEA). Pedagoga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: juliapereiramotta3110@gmail.com

[2]Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ. Pós-doutorado em Design Pedagógico. Doutora em Psicologia Clínica, Mestre em Letras. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Criar e Brincar: o lúdico no processo de ensino-aprendizagem (LUPEA). E-mail: mvitoriamaia@gmail.com

[3]Doutor em Educação. Bacharel em Comunicação Social. Licenciado em Comunicação Social. Atua como Pesquisador-Tecnologista no Inmetro e como professor na Universidade Estácio de Sá. Pesquisador: O lúdico no processo de ensino-aprendizagem (LUPEA) e Laboratório de Comunicação e Marketing Digital NeoAB (ETEAB-FAETEC). E-mail: esmiyata@inmetro.gov.br

This article is based on a question generated in the research group LUPEA, at PPGE-UFRJ. The field was the discipline "Creativity and Education" that had its studies transferred to remote learning in 2020. The object of research was the final ebook that came from the conclusion work, and methodologically the work is qualitative, with analysis carried out according to the technique of color psychodynamics and content analysis. Finally, the plurality of the students' creativity was visible in the images-text constructed. Creativity broadened the horizons and brought other possibilities of dealing with the learning process.
Keywords: Creativity. Remote learning. Postgraduate stricto sensu. Color psychodynamics.

Resumen
Este artículo se basa en una cuestión planteada por el grupo de investigación LUPEA del PPGE-UFRJ. El ámbito fue la asignatura "Creatividad y Educación", que abandonó la enseñanza presencial y transfirió sus estudios a la enseñanza a distancia en 2020. El objeto de la investigación fue el libro electrónico final surgido del trabajo de conclusión. Metodológicamente, el trabajo es cualitativo, con análisis realizado según la técnica de la psicodinámica del color y análisis de contenido. Finalmente, la pluralidad de la creatividad de los alumnos se hizo visible en los textos-imágenes que crearon. La creatividad amplió horizontes y aportó nuevas posibilidades para abordar el proceso de aprendizaje.
Palabras clave: Creatividad. Enseñanza a distancia. Curso de postgrado stricto sensu. Psicodinámica del color.

Data de submissão: 09/08/2023
Data de aceite: 25/10/2023

Introdução

Com quantas pessoas se forma um pensamento criativo? Este artigo inicia-se partindo desta pergunta, gestada nos encontros do grupo de pesquisa "O lúdico no processo de ensino-aprendizagem – LUPEA" e diretamente relacionada com o projeto de pesquisa "Criatividade e Educação: várias linguagens habitando a sala de aula". No âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ), foi ofertada uma disciplina intitulada "Criatividade e Educação" para alunos internos e externos a este programa, tendo como docente a segunda autora do presente trabalho.

Essa disciplina deveria ter sido ministrada presencialmente no primeiro semestre de 2020. Porém, por causa da pandemia da COVID-19 que eclodiu naquele período, as aulas foram conduzidas remotamente. A sala de aula virtual criada e alimentada por todos os imbricados naquele processo de ensino e aprendizagem tornou-se uma experiência de coletividade. Ali, aprendeu-se a lidar com o impensável. A emergência sanitária que assolou o mundo obrigou a fecharmo-nos dentro de nossas casas.

Sendo assim, as aulas remotas foram o campo empírico da presente investigação, sendo os sujeitos pesquisados os 14 alunos desta disciplina. O objeto de pesquisa foi o e-book que adveio do trabalho coletivo de conclusão desta disciplina. Metodologicamente, o presente trabalho é de cunho qualitativo e do tipo estudo de caso (Ivenicki; Canen, 2016) voltado para a análise do e-book da disciplina que foi criado

em um contexto socioemocional específico, o que justifica sua importância. Os dados foram analisados principalmente conforme a técnica da psicodinâmica das cores (Farina; Perez; Bastos, 2006/2011), pois o e-book, com os recursos visuais pessoais de cada estudante da disciplina, viabiliza a relação entre as cores e o contexto supracitado o que propicia o tratamento dos dados da pesquisa a partir desta perspectiva de análise.

Metodologia

O e-book intitulado "Imaginário abissal: registros ilustrados de vozes criativas" foi o objeto de pesquisa criado de forma colaborativa e coletiva como trabalho final da disciplina "Criatividade e Educação". Na análise que se refere a técnica da psicodinâmica das cores (Farina; Perez; Bastos, 2011), o foco estava na interpretação do material a partir das cores das imagens presentes nas páginas. Somamos a esta técnica das cores a análise de conteúdo de Bardin (1977), para lidar com os textos apresentados no livro.

Resumidamente, este foi o passo a passo do trabalho de conclusão que deu origem a este e-book: i) cada aluno selecionou uma imagem e um texto que respondessem à seguinte pergunta: *como os aportes teóricos, os debates e o compartilhamento de experiências afetaram sua percepção sobre criatividade?*; ii) as imagens e os textos foram entregues ao terceiro autor do presente trabalho que, por sua vez, diagramou o e-book; iii) o e-book diagramado foi apresentado aos alunos na última aula da disciplina; iv) nesta ocasião, cada aluno explicou seu processo de criação e escutou a interpretação que seu trabalho suscitou entre os colegas.

Observa-se que a pluralidade da criatividade dos alunos foi retratada em 14 diálogos imagem-texto construídos pelos alunos desta disciplina. Cada aluno esteve livre para responder à questão norteadora do trabalho da forma que mais lhe conviesse, fazendo uso de uma representação gráfica e de um texto que pudessem desvelar, conjuntamente, sua perspectiva sobre a criatividade e como esta guiou a percepção do aluno no decorrer das aulas remotas.

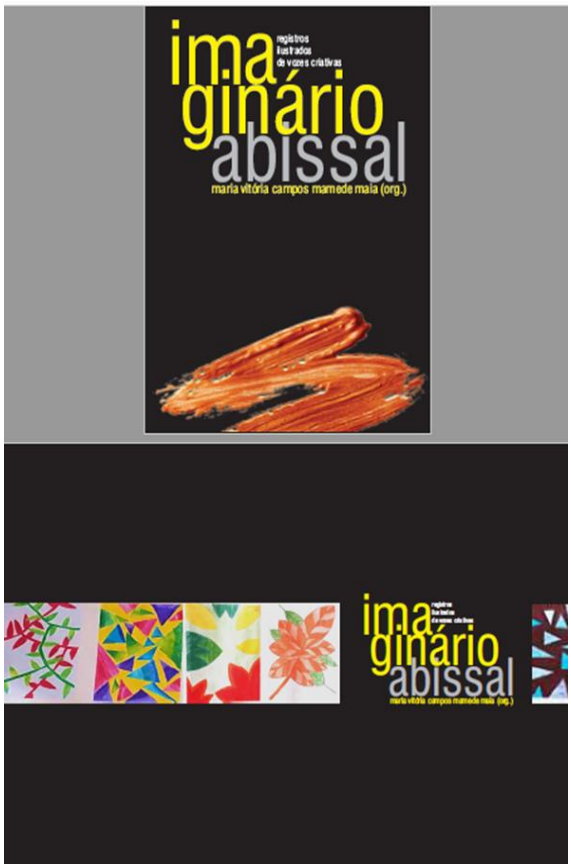


Figura 1 – capa e primeira página do e-book.
Fonte: autoria própria.

Os estudos no LUPEA têm sido orientados, em grande parte, pelas contribuições da psicanálise de Winnicott (1971/2005, 1960/2007a, 1960/2007b). Um conceito central amplamente debatido no LUPEA é o espaço potencial, isto é, um espaço intermediário entre o sujeito (self) e o mundo externo. Parte-se da compreensão de que a relação que nós, sujeitos, estabelecemos com os elementos externos pode, muitas vezes, ser intimidadora e árida. A aprendizagem de um novo conhecimento altera, gradualmente, a percepção das pessoas sobre o mundo e, principalmente, a relação com as coisas externas.

Para que consigamos lidar com esse turbilhão de novidades, Winnicott (2005) advoga a construção do espaço potencial como recurso que propiciará as condições para gerenciar medo, ansiedade e repulsa, de forma que o mundo externo dialogue com o *self* de forma menos tensionada. Para ocorrer esse diálogo, Winnicott (2005) descreve aquilo que ele denomina de área de experimentação, ou espaço de manobra, sendo estes necessários para que o sujeito se constitua como um ser possuidor de um *dentro* e de um *fora* inter-relacionados. De acordo com o autor, o espaço potencial é uma área que

> Não é posta à prova, já que nada se afirma a seu respeito, a não ser que ela deve existir como local de repouso para o indivíduo engajado na infindável tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, mesmo que inter-relacionadas (Winnicott, 2005, p. 16, tradução nossa).

Na perspectiva winnicottiana, a formação do espaço potencial dependerá da "substância da ilusão, algo permitido para o bebê e que, na vida adulta, se liga à arte e à religião [...]" (Winnicott, 2005, p. 4 – tradução nossa). Será por meio das ilusões, no uso da área intermediária, que se estruturam subjetivamente as conexões com os outros, de forma que haja um agrupamento socialmente reconhecido.

Por se tratar de uma pesquisa com alunos adultos, a contribuição decisiva de Winnicott (2005, 2007b) que sustenta este trabalho está no conceito de experiência cultural. Trata-se da apropriação dos diversos símbolos, valores e vivências que são absorvidos e integrados por adultos, já na condição de sujeitos com lastros social e cultural. Na visão do autor, a importância da cultura está em seu papel como "recurso comum da humanidade, para o qual indivíduos e grupos podem contribuir, e do qual todos nós podemos extrair se tivermos lugar para guardar o que encontramos" (Winnicott, 2005, p. 133 – tradução nossa).

Sujeitos amadurecidos são capazes de simbolizar, sendo este outro aspecto central da experiência cultural. Simbolizar é criar representações subjetivas sobre coisas reais, de forma que o sujeito consiga distinguir realidade e fantasia. Em outros termos, "o símbolo é a lacuna entre o objetivo subjetivo e o objeto que é objetivamente percebido" (Winnicott, 2007a, p. 161 – tradução nossa) ou, ainda, "o simbolismo pode ser corretamente estudado somente no processo de crescimento de um indivíduo, e que, na melhor das hipóteses, possui um significado variável" (Winnicott, 2005, p. 8 – tradução nossa). Em outras palavras, "o adulto maduro [...] é capaz de objetividade sem perder o contato com a riqueza do mundo subjetivo; pode fazer concessões sem sentir-se roubado em sua espontaneidade" (Dias, 2003, p. 295).

Resultados e discussões

A análise do e-book foi realizada em dois eixos: o eixo textual, no qual foi utilizado o método temático de análise de conteúdo (Bardin, 1977) e o eixo da análise das cores presentes nas imagens escolhidas e/ou criadas pelos alunos.

No eixo textual, iniciamos pelo sumário. Este é um item que aparece em qualquer livro, seja digital ou físico. A partir deste, inicia-se a análise dos temas que moveram os autores. Nas figuras abaixo, é possível observar os títulos dos capítulos levando em conta que estes foram criados pelos próprios alunos. A escolha das palavras e a organização da frase denotam uma singularidade – a pessoalidade de cada um estava posta e, na academia, isso não é esperado de pronto.



Figura 2 – primeira parte do sumário do e-book
Fonte: autoria própria.

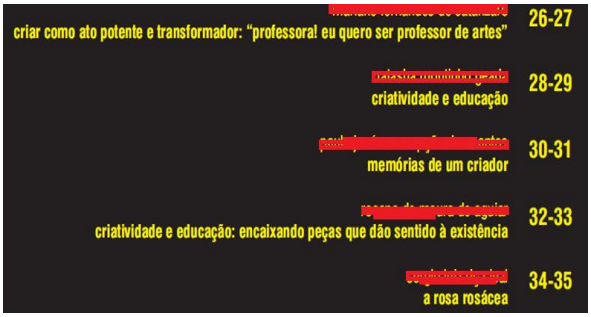


Figura 3 – segunda parte do sumário do e-book.
Fonte: autoria própria

Todos os títulos refletem aquelas e aqueles que estiveram presentes por meio de afeto e cognição, ao longo de uma disciplina marcante na história de cada um e dos seus mundos particulares. Denota-se a presença do pensamento criativo como forma de dar significado às vivências da disciplina em um tom intimista. Os alunos expressam sonhos, desejos e sentidos à existência, tudo isso no âmbito de uma proposta avaliativa no contexto da pós-graduação *stricto sensu*, dando sentido para o não sentido daquela época.

O e-book passeia por textos pessoais e por poesia, vindo de autores célebres ou de autores até então inéditos para os alunos. Cada aluno pode escolher entre citar uma obra ou propor algo autoral. Entre o estranho e o conhecido, foi sendo tecida uma trama de sentidos, muitos advindos de vivências relatadas nas aulas da disciplina. À luz da teoria winnicottiana de espaço transicional, entre a tela da aula remota e a casa dos presentes havia várias realidades que eram confiadas e desveladas, de forma que cada aluno permitiu a entrada da turma em seus universos particulares.

Winnicott (1965/2011) postula que segurança é um sentimento que é constituído desde o primeiro momento em que o ser humano respira e é cuidado por alguém. Em síntese, o conceito de segurança seria o "ambiente circundante que torna possível o crescimento de cada criança; sem uma confiabilidade ambiente mínima, o crescimento pessoal da criança não pode se desenrolar, ou desenrolar-se com distorções" (Winnicott, 2011, p. 45).

Ao pensar em sujeitos adultos e no processo de criação do e-book, tanto os momentos na sala de aula virtual quanto as experiências compartilhadas ganharam espaço. Criou-se, portanto, o espaço suficientemente bom do acolhimento e da escuta, na forma defendida por Winnicott. A turma precisou confiar minimamente na docente responsável para se desenvolverem individualmente e academicamente.

No epílogo do e-book, foram usadas citações de Winnicott que, na perspectiva da organizadora e segunda autora deste trabalho, poderiam apoiar as reflexões propostas por meio das criações dos alunos. No espaço *entre*, no meio do caos pandêmico do mundo, o riso emergia e propiciava o andamento da disciplina e de seus encontros.

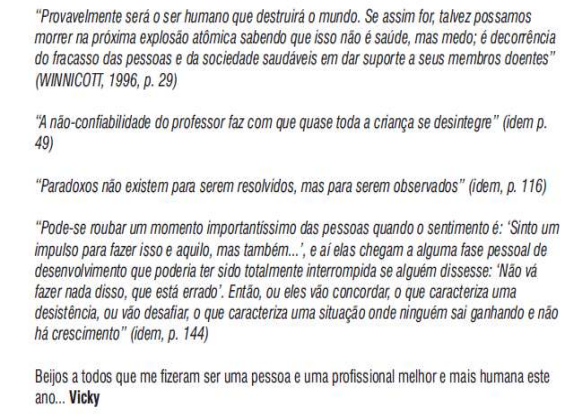




Figura 4 – epílogo do e-book
Fonte: autoria própria.

Na Figura 5, podemos observar como a segurança e espaço de criação são potentes para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A montagem abaixo, criada por uma das alunas da disciplina, ilustra os *sentires* e os saberes que circulavam nas aulas e impregnavam a todos.



Figura 5 – epílogo do e-book
Fonte: autoria própria.

De acordo com o referencial teórico winnicottiano, criatividade é o acolhimento de um gesto, denominado por Winnicott (1990) de gesto espontâneo. Segundo Maia (2007, p. 54, grifo nosso),

> "Neste criar, a partir do *gesto espontâneo lançado ao mundo* e por este acolhido, começa o surgir de um si mesmo e uma linha de vida, um "going on being", a continuidade do ser, que não deve jamais ser interrompida sem que haja algo de grave como consequência. [...] A partir dessa *criatividade primária*, haverá o surgimento da *confiança em si mesmo* e da capacidade de se sentir autor de sua própria vida. Mesmo que mais tarde a criança ou o adulto já saibam que nada criam efetivamente em relação ao mundo externo, dentro deles haverá a certeza da possibilidade de, no mínimo, se criar um espaço em que possam se refugiar desse mundo "lá de fora" e descansar.

Na Figura 6, outra aluna traz para o e-book a importância da confiança e da segurança em um ambiente. Esses dois conceitos aparecem com facilidade nas páginas do e-book por serem a base da emergência do espaço potencial no sujeito, conforme defende Winnicott. Na foto, a estudante escolhe um post de uma rede social. Nele, as palavras sugerem justamente o uso deste lugar da criação na perspectiva winnicottiana.



Figura 6 – trabalho da aluna N.
Fonte: autoria própria.

Na Figura 7, outro aluno preencheu seu espaço no e-book com o uso das cores preta e branca. Esta obra destoava da sequência colorida dos colegas. No desenho autoral, a única cor era a de um livro dentre

um caminho de livros. Foi desta obra que emergiu o nome do e-book, por meio de um dos versos autorais deste aluno: "Imaginário abissal / Desde o tempo da infância / Resguarda essa ânsia de fazer o sem igual". Ao continuar, o autor define criatividade: "Criatividade, ao fazer / É atividade de extrair / Do que ainda há de vir / Um novo tudo, conhecer".

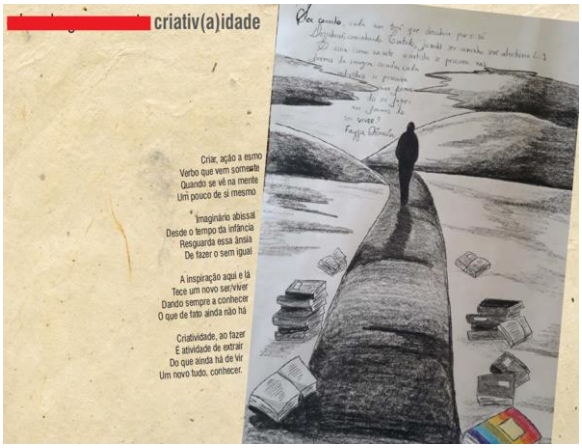


Figura 7 – trabalho do aluno E. que ajudou a nomear o e-book
Fonte: autoria própria.

Saindo do eixo da análise textual, iniciaremos o eixo da análise das cores presentes nas imagens. Para dar conta dessa análise, os dados foram interpretados de acordo com os estudos de Farina, Perez e Bastos (2011). Para os autores, é entendido que as cores têm o poder de evocar associações e emoções dentro de um contexto cultural, pois a cor "tem a capacidade de, mais que qualquer outro elemento, liberar as reservas criativas do indivíduo" Farina, Perez e Bastos (2011, p. 93).

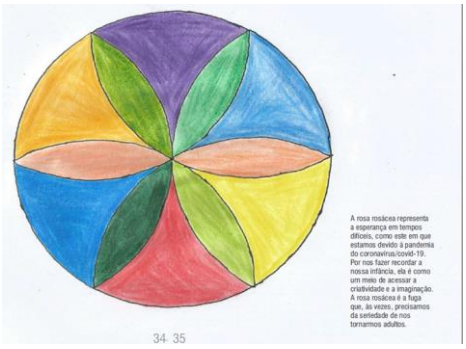


Figura 8 – trabalho do aluno C. que mostra a possibilidade da análise das cores.
Fonte: autoria própria.

No trabalho com alunos em aulas remotas, conforme o lócus desta pesquisa, percebeu-se que a capacidade de vinculação e de confiança entre a turma e a professora foi potencializada por meio da confecção do e-book aqui analisado. Apesar do contexto totalmente adverso e desconhecido da pandemia, a aula remota conseguiu promover uma estrutura emocional e vincular que, anteriormente, somente aconteceria na experiência da presencialidade.

Utilizando o aplicativo gratuito Adobe Color Wheel, procurou-se analisar as cores predominantes nesta obra, a fim de se compreender a possível relação destas com aquele momento pandêmico. Pesou, ainda, a importância de se identificar as cores mais usadas de forma que estas servissem de insumo para responder à questão invocadora do trabalho. Assim, tanto as falas quanto os silêncios poderiam ser traduzidos por meio das cores, exprimindo possíveis mensagens pouco claras. As cores dialogam com a nossa subjetividade, pois estas

> Constituem estímulos psicológicos para a sensibilidade humana, influindo no indivíduo, para gostar ou não de algo, para negar ou afirmar, para se abster ou agir. Muitas preferências sobre as cores se baseiam em associações ou experiências agradáveis tidas no passado e, portanto, torna-se difícil mudar as preferências sobre as mesmas (Farina; Perez; Bastos, 2011, p. 96).

Entre os trabalhos apresentados havia fotos pessoais, fotos produzidas pelos alunos e fotos escolhidas em bancos de imagens livres de direitos autorais. As escolhas para o conjunto imagético construído possibilitaram a realização de leituras visuais, que indicaram os resultados gráficos de um semestre de aulas remotas. O ambiente educacional possível naquele período se resumiu em um ano de telas e de

encontros virtuais que produziram efeitos muito particulares em cada aluno que este presente no ambiente da virtualidade.

De acordo com Farina, Perez e Bastos (2011, p. 96-97) há um significado cultural e psicológico das cores, causando sensações acromáticas e cromáticas. Dizem os autores que "é preciso ter em conta que elas (as cores) provocam invariavelmente sensações polarizadas, ou seja, ora podem ser positivas, ora negativas". Nas aulas, cada um teve a oportunidade de explicar a relação proposta entre as imagens, o texto e o momento que se vivia. As gravações das aulas e o processo de confecção das obras viabilizou a análise do e-book com base na escolha das cores.

O significado atribuído por cada pessoa dentro do contexto dos seis meses de aula remota se consagra como algo além de um mero trabalho final. Tratamos os dados reconhecendo a potência deste e-book, compreendendo que o significado das cores somente se dá em contexto vivido (Farina, Peres, Bastos, 2011). Neste caso, o contexto vivido foi a sala de aula remota da pós-graduação. Na Figura 9, observa-se a paleta das cores predominantes no livro, por meio das obras produzidas pelos alunos. Esta paleta foi estruturada a partir das cores repetidas na maioria das imagens utilizadas pelos alunos.



Figura 9 – Mosaico das paletas de cores presentes nas obras do e-book
Fonte: autoria própria.

As cores primárias são caracterizadas por magenta, amarelo e azul. Já as cores secundárias são caracterizadas por vermelho, verde e azul violeta. Cores secundárias (ou complementares) são aquelas que "ao se mesclarem, se anulam em branco: vermelho, verde e azul violeta" (Farina; Peres; Bastos, 2011, p. 65). Para serem percebidas, as cores dependem do espectro óptico. Assim, pode-se inferir que as aulas remotas igualmente propiciaram aos alunos a descoberta de imagens e o uso destas diferentemente da forma presencial, já que o uso das imagens impressas em uma aula presencial poderia alterar a forma original encontrada.

De acordo com o grau de saturação das cores nas imagens, foram elencadas as cores predominantes no e-book, quais sejam: amarelo, rosa, azul, e roxo, com suas possíveis saturações. O aplicativo Adobe Color Wheel realizou essa análise, confirmando a percepção desta pesquisa.

A escolha das cores em uma imagem pode ser intencional ou inconsciente, o que pode afetar a maneira como esta é percebida e interpretada. Além disso, a combinação de cores também é importante, pois pode criar tanto uma sensação de harmonia quanto de tensão na imagem. Na análise, observamos que as cores amarelo, rosa, azul, e roxo são as mais evidentes nas imagens analisadas. A partir da psicodinâmica das cores (Farina; Perez; Bastos, 2011), inferimos que estas demandam uma leitura simbólica de permanência de vida e criatividade, apesar das adversidades. Confiança (azul), esperança (amarelo), crença (verde), força (laranja), calma (roxo) e amabilidade (rosa) foram os significados que emergiram destas imagens. Utilizando as contribuições de Farina, Perez e Bastos sobre o tema, entende-se que

> Determinadas cores dão sensação de proximidade, outras de distância, da mesma forma que uma pessoa comunicativa, vibrante, mais facilmente se aproxima de nós, enquanto outra parece manter-se à distância por ser de

> poucas palavras ou sem um sorriso. Em geral todo elemento de aproximação contribui para abrir as portas de uma boa comunicação. [...] De fato, chamamos de "quentes" as cores que integram o vermelho, o laranja e pequena parte do amarelo e do roxo; e de "frias" as que integram grande parte do amarelo e do roxo, o verde e o azul. As cores quentes parecem nos dar uma sensação de proximidade, calor, densidade, opacidade, secura, além de serem estimulantes. Em contraposição, as cores frias parecem distantes, leves, transparentes, úmidas, aéreas, e são calmantes (Farina; Perez; Bastos, 2011, p. 86).

Partindo das cores predominantes do e-book, percebe-se que as imagens usadas pelos alunos traziam cores que podem ser interpretadas como a simbolização da vida que resistia ao horror pandêmico, mesmo que todos estivessem mergulhados em medo e dor. Nos jornais, tanto as manchetes quanto as imagens estavam frequentemente relacionadas à exaustão e à morte, representada em nossa cultura pela cor preta. Nas aulas remotas, o hábito de se manter a câmera fechada por meio de um quadrado preto poderia representar ausência pela presença, isto é, o *estar ali sem estar ali*. Lembremos que a câmera ligada representa um estado de invasão, tanto física quanto emocionalmente.

Esta análise das cores, quando articulada com a teoria winnicottiana sobre espaço potencial, ressalta os conceitos de confiança e de permanência. Os alunos sabiam que semanalmente, no dia e na hora marcados, estariam em frente à tela, com a mesma professora à frente. Portanto, os quadrados pretos das câmeras fechadas propiciaram uma convivência e uma vivência entre os participantes que, talvez, não perdurasse por tanto tempo na presencialidade de um contexto normalizado.

Para Winnicott (2005), a criatividade se coloca como um movimento espontâneo que se relaciona com a constituição do ser humano, sendo este movimento exatamente a possibilidade de criar e de ser aceito socialmente. Viver criativamente advém de um acolhimento e de uma amabilidade suficientemente bons, de forma que o ser humano se constitui a partir da presença de outro ser humano. Assim, estar vivo é poder ser sustentado no tempo e no espaço. É preciso conviver e compartilhar. A criatividade, em toda a obra de Winnicott, tem relação intrínseca com a possibilidade de ser/ver o que seja a realidade externa, pois "entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido existe uma terra de ninguém, que na infância é natural, e que é por nós esperada e aceita" (Winnicott, 1988/1990, p. 127).

Winnicott nos deixa claro que a criatividade promove a construção subjetiva do ser humano. É na experiência criativa pelo brincar que se promove um ambiente suficientemente bom que envolva segurança, confiança e fidedignidade (Winnicott, 2005). As cores presentes nos trabalhos dos alunos foram oriundas da experiência cultural de cada um, assim como da experiência cultural que se construiu coletivamente nas aulas remotas. Naquela disciplina estavam mestrandos e doutorandos que, apesar do cenário externo ali imposto e nunca vivido por eles, mantiveram-se presentes a cada aula remota. A produção do e-book, como trabalho de conclusão de disciplina, revelou que havia esperança guardada. Afinal, as cores podem ser vistas e sentidas, seja no regozijo ou na adversidade.

Aquelas aulas remotas, até então a única saída possível ante a interrupção da vida como a conhecíamos, foram se transformando em espaço seguro e de alento. Estudar e pesquisar a distância saíram da condição de saída emergencial para uma possibilidade real e legítima. Mesmo após o arrefecimento do cenário pandêmico, observamos pesquisas, dissertações e teses que avançaram de forma remota ou híbrida. A mudança de paradigma propiciou uma nova configuração para a pós-graduação, favorecendo alunos trabalhadores e

promovendo a aproximação de pessoas de outros estados com a universidade. A criatividade ampliou horizontes e trouxe possibilidades outras de se pensar e fazer Educação.

Considerações finais

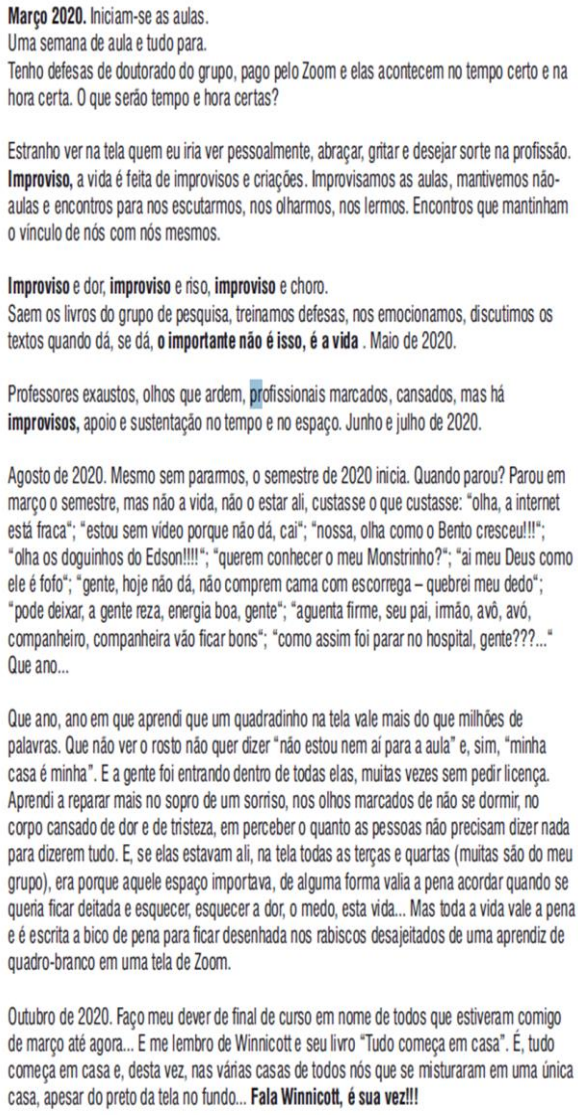
A partir dos resultados aqui apresentados e da análise entre os eixos textual e da análise das cores, defende-se que é preciso propiciar a manifestação do espaço potencial entre alunos adultos. Neste sentido, propõe-se ir além do brincar infantil, sendo essa a perspectiva protagonista quando se pesquisa o lúdico na educação (Maia, Miyata et al, 2021). Se crianças brincam, no sentido da fantasia necessária para aquela idade, adultos também brincam para que novas ideias surjam e os saberes circulem com liberdade. Vygotsky (1930/2012) já observara que as sociedades avançam a partir da imaginação e da simbolização. O ser humano chegou até aqui porque, sobretudo, soube problematizar, imaginar e criar.

O pensamento criativo se manifesta mais facilmente quando se permite que o espaço potencial se forme e atue nos diversos contextos da vida. Na educação, não seria diferente. A criatividade torna o ser humano mais digno e mais aberto ao outro. Quando se cria, dá-se voz à pluralidade e ao colorido da vida. Desta forma, as aulas remotas que constituíram o lócus da presente pesquisa fizeram com que todos os envolvidos pudessem criar, mesmo mergulhados no caos pandêmico. O espaço potencial propiciou a criatividade, que por sua vez propiciou a relação significativa e humanizada entre professor e aluno. No contexto de uma pós-graduação habitado por sujeitos adultos, o espaço potencial e a criatividade foram o bote salva-vidas para estudar e para viver.

Desde o momento inicial daquela pandemia, a incerteza se fez presente. O contexto não ajudava, as notícias não eram reconfortantes. A luz no fim do túnel conseguiu ser criada por esses alunos, dentro do lugar de segurança cultivado por aquelas aulas remotas. Todos finalizaram a disciplina. Todos criaram seus trabalhos que compuseram o e-book aqui analisado. Aquelas imagens puderam expressar a trajetória de resistência criativa dos envolvidos. Das aulas remotas, fez-se o espaço potencial que, no fundo, há tempos todos ansiavam emergir.

A segunda autora deste capítulo, em sua fala na última aula da disciplina, recitou: “a gente pode não ter um roteiro claro, pode ter cenas ruins, mas a gente pode improvisar e, aí, a gente chega a lugares inimagináveis”. No texto do epílogo, esta descreve o seu percurso no ano de 2020 com a turma em um texto autoral. O negrito marca o tempo e as perguntas sem resposta, enquanto o branco metaforiza o momento vivido. No escopo teórico e analítico deste artigo, o viver criativo, a criatividade potencial do ser humano e o espaço potencial, mesmo em uma tela, criam vínculos inimagináveis mesmo em contextos adversos.

Fica, na última Figura 10, o epílogo que finalizou o e-book e finaliza este trabalho, que foi o produto de muito “**improviso** e dor, **improviso** e riso, **improviso** e choro” (Maia, 2020, p. 37 – grifos do autor). Afinal, “[...] tudo começa em casa e, desta vez, nas várias casas de todos nós que se misturaram em uma única casa, apesar do preto da tela no fundo” (Maia, 2020, p. 37).



Março 2020. Iniciam-se as aulas.
Uma semana de aula e tudo para.
Tenho defesas de doutorado do grupo, pago pelo Zoom e elas acontecem no tempo certo e na hora certa. O que serão tempo e hora certas?

Estranho ver na tela quem eu iria ver pessoalmente, abraçar, gritar e desejar sorte na profissão. **Improviso,** a vida é feita de improvisos e criações. Improvisamos as aulas, mantivemos não-aulas e encontros para nos escutarmos, nos olharmos, nos lermos. Encontros que mantinham o vínculo de nós com nós mesmos.

Improviso e dor, **improviso** e riso, **improviso** e choro.
Saem os livros do grupo de pesquisa, treinamos defesas, nos emocionamos, discutimos os textos quando dá, se dá, **o importante não é isso, é a vida** . Maio de 2020.

Professores exaustos, olhos que ardem, profissionais marcados, cansados, mas há **improvisos,** apoio e sustentação no tempo e no espaço. Junho e julho de 2020.

Agosto de 2020. Mesmo sem pararmos, o semestre de 2020 inicia. Quando parou? Parou em março o semestre, mas não a vida, não o estar ali, custasse o que custasse: "olha, a internet está fraca"; "estou sem vídeo porque não dá, caí"; "nossa, olha como o Bento cresceu!!!"; "olha os doguinhos do Edson!!!!"; "querem conhecer o meu Monstrinho?"; "aí meu Deus como ele é fofo"; "gente, hoje não dá, não comprem cama com escorrega – quebrei meu dedo"; "pode deixar, a gente reza, energia boa, gente"; "aguenta firme, seu pai, irmão, avô, avó, companheiro, companheira vão ficar bons"; "como assim foi parar no hospital, gente???..." Que ano...

Que ano, ano em que aprendi que um quadradinho na tela vale mais do que milhões de palavras. Que não ver o rosto não quer dizer "não estou nem aí para a aula" e, sim, "minha casa é minha". E a gente foi entrando dentro de todas elas, muitas vezes sem pedir licença. Aprendi a reparar mais no sopro de um sorriso, nos olhos marcados de não se dormir, no corpo cansado de dor e de tristeza, em perceber o quanto as pessoas não precisam dizer nada para dizerem tudo. E, se elas estavam ali, na tela todas as terças e quartas (muitas são do meu grupo), era porque aquele espaço importava, de alguma forma valia a pena acordar quando se queria ficar deitada e esquecer, esquecer a dor, o medo, esta vida... Mas toda a vida vale a pena e é escrita a bico de pena para ficar desenhada nos rabiscos desajeitados de uma aprendiz de quadro-branco em uma tela de Zoom.

Outubro de 2020. Faço meu dever de final de curso em nome de todos que estiveram comigo de março até agora... E me lembro de Winnicott e seu livro "Tudo começa em casa". É, tudo começa em casa e, desta vez, nas várias casas de todos nós que se misturaram em uma única casa, apesar do preto da tela no fundo... **Fala Winnicott, é sua vez!!!**

Figura 10 – epílogo do e-book escrito pela professora, aqui segunda autora do trabalho. Fonte: autoria própria.

Referências

ADOBE COLOR WHEEL. **Adobe Color**. Disponível em: https://color.adobe.com/pt/create/color-wheel. Acesso em: 20 jun. 2023.

BARDIN. L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FARINA, Modesto e PEREZ, Clotilde e BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação** (2006). São Paulo: Edgard Blucher. 2011.

IVENICKI, A.; CANEN, A. G. **Metodologia da pesquisa** – rompendo fronteiras curriculares. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2016.

MAIA, M. V. C. M. (Org). **Imaginário abissal: registros ilustrados de vozes criativas**. Rio de Janeiro: [s.I.], 2020. E-book.

MAIA, M. V. C. M. **"Rios sem discurso": reflexões sobre a agressividade da infância na contemporaneidade**. São Paulo: Vetor, 2007.

MAIA, M. V. C. M.; MIYATA, E. S.; OLIVEIRA, M. S. F.; SOUZA, N. I.; GEADA, N. M.; SILVA, F. T. C. **O lúdico tem vez na pós-graduação? – uma análise bibliográfica**. XVI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia - Vol. I – Resumos por mesas de comunicações. Braga (Portugal): Universidade do Minho, set. 2021. Disponível em: <https://congreso-xvigp.asocip.com/images/PDF/LivroPrograma-Resumos-Vol_1-PorMesas.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e Criatividade na Infância**. Ensaio de Psicologia (1930). Lisboa, Dinalivro, 2012.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual** (1965). 4ª ed. São Palo: Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, D. W. **Natureza humana** (1988). Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, D. W. **Playing and reality** (1971). Londres: Routledge Classics, 2005.

WINNICOTT, D. W. Counter-transference (1960). In: WINNICOTT, D. W. **The maturational processes and the facilitating environment – studies in the theory of emotional development**. Londres: Karnac, 2007a.